

ABORDAGEM GERATIVA E ABORDAGEM COGNITIVA NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.

*Margarida Basilio (PUC-Rio/CNPq)**

RESUMO: Neste artigo, discuto alguns problemas da abordagem gerativa lexicalista da formação de palavras e avalio a relevância de proposições da Linguística Cognitiva para a abordagem das construções lexicais. Inicialmente, sintetizo as principais características do modelo gerativo lexicalista e discuto alguns pontos problemáticos deste modelo. Em seguida, apresento algumas proposições da Linguística Cognitiva que apontam para direções promissoras na abordagem de construções lexicais. Finalmente, faço um pequeno confronto das duas abordagens em fragmentos de exemplos concretos de análises de formações lexicais na Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia, léxico, formação de palavras, gerativismo lexicalista, Linguística cognitiva.

INTRODUÇÃO

Com este artigo, pretendo iniciar um confronto entre abordagens gerativistas lexicalistas e propostas da Linguística Cognitiva na descrição de processos de formação de palavras na Língua Portuguesa. Inicialmente, faço uma breve apresentação do tratamento da formação de palavras na visão lexicalista e discuto algumas dificuldades desta abordagem. Em seguida, aponto algumas proposições da Linguística Cognitiva que conduzem a uma perspectiva promissora no tratamento da formação de palavras.

Finalmente, ilustro a diferença de tratamento em alguns aspectos de descrições concretas feitas em termos gerativos e cognitivos.

* Professora Titular do Departamento de Letras / Pesquisadora Nível 1 A. E-mail: marbas@centroin.com.br

1. FORMAÇÃO DE PALAVRAS NO GERATIVISMO LEXICALISTA: BREVÍSSIMA INTRODUÇÃO

A morfologia derivacional é (re)introduzida no gerativismo pela Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970), que estabelece a possibilidade de se representar as relações entre palavras na esfera do próprio léxico. Na perspectiva do gerativismo lexicalista, a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua.

A competência lexical corresponde não (apenas) ao conhecimento das palavras da língua, mas (também) ao conhecimento de um conjunto de regras, que representa a capacidade do falante de relacionar itens lexicais uns aos outros, analisar a estrutura interna das palavras e formar novas palavras.¹

A perspectiva gerativa deu um grande impulso nos estudos lexicais, na medida em que focaliza o léxico como conhecimento, em oposição à visão tradicional do léxico como vocabulário. A noção de competência lexical, abarcando as regras que determinam as possibilidades de formação, introduz no conceito de produtividade, já utilizado por autores clássicos, uma relevância crucial, já que a produtividade de regras de formação deixa de ser um comentário sobre a vitalidade de um processo específico para se transformar no fator determinante da constituição da classe potencial de palavras de uma língua. O lexicalismo gerativista se concentra na determinação das regras lexicais e no estabelecimento de proposições descritivas falseáveis sobre as construções possíveis, de modo que seu centro de interesse não está no conjunto de palavras existentes numa língua.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa sobre formação de palavras que se desenvolve a partir da Hipótese Lexicalista segue as linhas gerais do gerativismo, adaptando-as ao objeto de estudo específico. Assim, hipóteses são levantadas e formalizadas em proposições descritivas, cuja validade é medida por sua generalidade, relevância e decorrência de princípios gerais estabelecidos na teoria; e cuja adequação pode ser contestada pelas intuições dos falantes nativos e evidências fornecidas por dados de produção.

2. ALGUMAS DIFICULDADES NAS ABORDAGENS GERATIVAS LEXICALISTAS

A visão gerativista lexicalista da formação de palavras apresenta certos pontos problemáticos, que vêm sendo discutidos ao longo dos anos. Neste artigo, vou apontar alguns, tais como o conceito de regra, a questão do significado em palavras derivadas, a relação entre processos de formação e itens lexicais e a questão da produtividade.

2.1 O conceito de regra de formação de palavras

Em abordagens lexicalistas, o conhecimento lexical do falante corresponde a um conjunto de regras que definem relações lexicais (Jackendoff 1975), especificam as formações lexicais possíveis (Aronoff 1976) ou formam palavras enquanto objetos morfológicos (Di Sciullo & Williams, 1987).

1. A presença ou ausência dos elementos entre parênteses correspondem às duas principais posições sobre a relação entre léxico e morfologia em abordagens gerativas.

Um dos problemas relativos à utilização de regras para a descrição de processos lexicais nesta abordagem está na imprecisão do conceito. Conforme observado em Basilio (1998), o conceito de regra não é explicitado de modo uniforme em seu uso na literatura de cunho lexicalista sobre formação de palavras. Esta é uma situação desconcertante, pois a idéia da previsibilidade estabelecida por regras permeia todo o desenvolvimento da gramática gerativa, sendo a gramaticalidade determinada pelo conjunto de regras que define a língua correspondente. Assim, é de veras problemática a imprecisão do termo no gerativismo lexicalista.

O aspecto determinístico do termo é claro em Chomsky (1970), texto em que é proposta a Hipótese Lexicalista, embora ainda sem um tratamento específico do léxico através de regras. A primeira intuição do problema relacionado ao formalismo de regras na teoria lexical é explicitada em Halle (1973), que diz não poder determinar exatamente a natureza das regras lexicais e sua relação com outras regras da gramática. Nos modelos que se seguem, a flutuação aumenta. Aronoff (1976), por exemplo, fala de regras regulares, insinuando a possibilidade de regras irregulares. Di Sciullo & Williams (1987), no entanto, reafirmam o caráter de regras morfológicas como leis, tentando estabelecer um paralelo com as regras sintáticas.

O conceito, portanto, está longe de ser claro na literatura. As interpretações variam desde a representação formal de um processo determinístico, que se aplica automaticamente, o que pode ser mais adequado para a flexão, mas traz sérios inconvenientes para a morfologia derivacional; até a noção de que as regras de formação de palavras representam generalizações indutivas (Anderson 1992), totalmente contrária à perspectiva teórica do gerativismo. Naturalmente, a acepção prescritiva do termo 'regra', fundamental na gramática normativa, não ajuda a esclarecer o problema deste conceito e tudo que dele decorre na literatura gerativista sobre formação de palavras.

2.2 A situação do significado das regras de formação

O significado sempre foi um problema na abordagem gerativa lexicalista da formação de palavras, na medida em que a teoria gerativa é uma teoria da sintaxe, embora alguns autores tenham tido a preocupação de levar em conta explicitamente alguns aspectos semânticos nos processos de formação e todos tenham levado em consideração o significado das palavras, ainda que apenas implicitamente ou inconscientemente.

Explicitamente, Jackendoff (1975), em seu modelo de representação das relações lexicais estabelece regras de redundância morfológica e regras de redundância semântica e define a controvérsia associacionismo/dissociacionismo nas construções morfológicas, concernente à possibilidade ou não de termos regras de redundância morfológica desprovidas de significado. Aronoff (1976) estabelece uma relação entre coerência semântica e produtividade em regras de formação de palavras e reconhece a necessidade de definir o lado semântico das regras de formação. Já Di Sciullo & Williams (1987) definem a palavra como um objeto morfológico e a morfologia como um conjunto de regras de combinação de formas, embora se refiram implicitamente ao aspecto semântico das formações quando utilizam a noção de composicionalidade semântica para argumentar sobre estruturas específicas e discutir a questão da listabilidade de itens lexicais; ou quando sugerem a sinonímia como base da noção de bloqueio.

A questão do significado é um problema nas abordagens gerativas da formação de palavras em vários

aspectos. Como dissemos anteriormente, o gerativismo é fundamentalmente uma teoria da sintaxe; assim, o significado ocupa um lugar marginal nesta teoria. No que se refere à semântica lexical, o gerativismo adota a tradicional categorização em termos de decomposição em traços primitivos, conforme desenvolvida por Katz e Fodor (1963).

No entanto, o estudo das construções morfológicas no âmbito lexical requer um tratamento do significado lexical que vá além da tradicional decomposição em traços. De certo modo, a tendência nos modelos de análise foi estabelecer a separação entre morfologia e léxico, iniciada em Aronoff (1976), explícita em Di Sciullo & Williams (1987) e radicalizada na Morfologia Distribuída (Harley e Noyer 2000).

Entretanto, alguns poucos autores apresentam propostas interessantes em relação ao significado lexical envolvido em formação de palavras, tais como Jackendoff (1975, 1983), que converge com propostas cognitivistas em alguns pontos; e Danielle Corbin (1987), que, em seu modelo de representação lexical, leva em conta a distinção entre formas atestadas e disponíveis e mostra a relevância da semântica das bases para a interpretação de produtos de regras de formação.

2.3 Regras e palavras, morfologia e léxico. Produtividade e listabilidade.

Também crucial em abordagens lexicalistas da formação de palavras é a relação entre palavras e regras, entre morfologia e léxico. A gramática clássica estabelece uma distinção entre palavras enquanto elementos lexicais indivisíveis, isto é, formas relacionadas a significados, e regras que estabelecem as possibilidades de combinação entre palavras.

Nos diferentes modelos lexicalistas de representação do conhecimento lexical, temos duas posições: a de Jackendoff (1975), que estabelece regras de redundância que representam generalizações do conhecimento lexical em termos de relações entre os itens lexicais; e a posição de Di Sciullo & Williams, segundo a qual as regras de formação de palavras definem objetos morfológicos, enquanto o léxico corresponde a uma lista não ordenada de elementos lexicais, a qual não teria nenhum interesse para a gramática. A segunda posição prevaleceu, seguindo o viés sintático da teoria, assim como a oposição tradicional de separação entre léxico e gramática, seguida por Bloomfield e Chomsky.

A nítida separação entre palavras e regras e, portanto, entre léxico e morfologia espelha a estrutura correspondente ao cerne do modelo Elemento e processo, em que se insere o gerativismo lexicalista. O problema apresentado por esta abordagem, refletido em suas controvérsias internas, provém do descompasso entre a postulação teórica e seus correlatos metodológicos e a natureza do léxico como sistema dinâmico que fornece unidades básicas significativas para a formação de enunciados. Esta controvérsia está envolvida no conceito de produtividade.

Se tomarmos a distinção palavra/regra e seu funcionamento na flexão, na grande maioria dos casos é adequada a afirmação de que as várias formas flexionadas de um vocábulo são objetos morfológicos produzidos ou sancionados pelas regras flexionais correspondentes. Entretanto, sistemas flexionais apresentam um caráter paradigmático, também presente em configurações derivacionais, que não é representado na formulação de regras. Dentre os casos concretos que logo vêm à mente figuram desde a produtividade da formação do passado de verbos do inglês de acordo com diferentes padrões de alternância vocálica até a regularidade morfológica de formas nominalizadas de origem latina, a despeito de sua irregularidade fonológica, para citar um caso derivacional.

A questão palavra-regra/morfologia-léxico está diretamente ligada à questão da produtividade e a

noção correlata de bloqueio. A produtividade é uma noção controversa em modelos lexicalistas, na medida em que a noção de expectativa de utilização de regras para formações, que constitui o cerne da noção de produtividade, se confunde com as marcas dessa utilização, explicitadas no corpo das palavras, marcas que, no entanto, apresentam valor evidencial relativo, se considerarmos a questão do tempo²; e marcas que não podem ser realmente levadas em conta, se adotarmos o pressuposto de que o léxico não tem nenhuma relevância ou interesse para a gramática. Assim, forma-se um círculo vicioso em que os graus de produtividade, ou mesmo a afirmação de produtividade de um processo se tornam um objeto inatingível.

3. A LINGUÍSTICA COGNITIVA E O TRATAMENTO DAS CONSTRUÇÕES LEXICAIS

3.0. Introdução

Na volumosa literatura produzida por adeptos da Linguística Cognitiva desde 1980 não se explicita nenhum interesse particular sobre o léxico ou a morfologia. Isto decorre, em parte, da posição marginal que a Morfologia ocupa na Linguística do séc. XX, em geral, mas também, em particular, do fato objetivo de que a Linguística Cognitiva não estabelece um limite rígido entre gramática e léxico, dentre inúmeras outras não-dicotomias que caracterizam esta abordagem do fenômeno linguístico; e do fato político de que a Linguística Cognitiva se coloca como rival e alternativa para a Teoria Gerativa da Sintaxe, sendo, portanto, a sintaxe, ou, mais ainda, a relevância da Semântica sobre a sintaxe, a proposição mais central da Linguística Cognitiva, pelo menos em seus primeiros momentos. Nos últimos anos, no entanto, começam a surgir alguns trabalhos sobre o tratamento da morfologia lexical numa abordagem cognitiva. A perspectiva da Linguística Cognitiva é bastante promissora para os estudos lexicais, dados seus pressupostos básicos. Nesta parte do artigo, vou apontar algumas das perspectivas de maior interesse para a abordagem das construções lexicais: a relevância do significado, a condição de unidade linguística estabelecida pela consolidação do uso e a não dicotomização categorial.³

3.1 Alguns conceitos fundamentais da Linguística Cognitiva

3.1.1 A relevância do significado

A Linguística Cognitiva tem como um dos seus pressupostos básicos a noção de que a linguagem não se constitui como um sistema autônomo; ao contrário, afirma-se que os sistemas linguísticos não podem ser abordados sem uma referência crucial a processos cognitivos; a língua reflete padrões do pensamento. Mais ainda, estruturas gramaticais são consideradas como estruturas simbólicas, de modo que o léxico, a morfologia e a sintaxe formam um contínuo de unidades simbólicas. Conforme afirma Langacker (2002:1), “it is ultimately as pointless to analyze grammatical units without reference to their semantic value as to write a dictionary which omits the meanings of its lexical items”.

2. Por exemplo, possíveis marcas de elementos morfológicos em palavras do português são oriundas de formações latinas, de sorte que a avaliação de sua relevância em proposições de produtividade é problemática.

3. Embora os conceitos sejam comuns à Linguística Cognitiva, em geral, neste trabalho adoto, em especial, as posições de Langacker, cujas proposições abarcam explicitamente construções lexicais. Os conceitos são meramente apresentados, e não discutidos ou explicados em mais detalhes, já que o objetivo central do trabalho é apontar sua relevância para a abordagem de construções lexicais.

Quanto aos significados lexicais, estes devem ser entendidos como teias de relações. Estruturas semânticas são caracterizadas em relação a domínios cognitivos, ou modelos cognitivos idealizados, como sistemas de conhecimentos e complexos conceituais. Assim, os itens lexicais evocam sentidos inter-relacionados e ativam teias de relações.

No que concerne à questão da relação língua/realidade, a Linguística Cognitiva opõe ao objetivismo clássico esposto pela Teoria Gerativa o realismo experiencial, posição que ressalta que o mundo a que temos acesso é restrito por nosso nicho ecológico e pelo fato de que termos/sermos corpo faz parte de nossa natureza. Deste modo, as línguas não refletem diretamente o mundo, antes a construção humana do mundo, ou “realidade projetada” (Lakoff, 1987; cf. Jackendoff, 1983).

Assim, em oposição à visão dualista de Descartes, a Linguística Cognitiva afirma que a mente humana, e a língua, não pode ser investigada independentemente do fato de ser parte de um ser corporal. Esta afirmação se coaduna com outro pressuposto, o de que os conceitos abstratos são estruturados em termos de domínios conceituais que derivam da experiência com objetos físicos, isto é, a direção geral do significado vai do mais concreto para o mais abstrato.

Ainda em relação ao significado, a Linguística Cognitiva entende que a metáfora e, mais recentemente, a metonímia são princípios cognitivos básicos e propriedades centrais na construção do significado. (Dirven, 2003). A metáfora e a metonímia são vistas na Linguística Cognitiva como fenômenos conceituais e não apenas linguísticos.

Como vimos anteriormente, o significado sempre constituiu um problema nas abordagens gerativas do léxico, por causa da constante tensão entre a necessidade cada vez mais premente de levar em conta o significado dos itens lexicais e dos processos de formação, e a necessidade de seguir as coordenadas gerais da filiação teórica gerativa, baseada em fenômenos e interesses sintáticos.

A visão cognitiva das línguas em termos de estruturas simbólicas elimina a dificuldade de se abordar a questão da função semântica nos processos de formação de palavras. Mais ainda, esta perspectiva acentua o caráter simbólico das estruturas, permitindo uma abordagem mais abrangente das construções lexicais como constituintes de significados. Ainda, a inclusão do conhecimento do mundo na noção de significado leva a uma interpretação mais adequada de construções lexicais.

3.1.2 A condição de unidade linguística estabelecida pelo uso

Para a Linguística Cognitiva, a gramática de uma língua representa o conhecimento do falante sobre a convenção linguística, isto é, corresponde aos aspectos da organização cognitiva em que se situa a apreensão da convenção linguística pelo falante. Assim, a gramática pode ser entendida como um conjunto estruturado de unidades linguísticas convencionais (Langacker 1987).

Estas unidades são rotinas cognitivas totalmente absorvidas pelo falante, de modo que seu uso é automático, não exigindo qualquer dispêndio de energia ou custo de memória. As unidades podem ser complexas, porque a relação entre uma unidade e outra pode também atingir um status de unidade, isto é, também pode ser rotinizado, com conseqüente possibilidade de uso automático e sem esforço. As unidades simbólicas são estruturas bipolares, isto é, correspondem a uma relação entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica. Estas unidades são convencionais, ou seja, são estabelecidas pelo uso compartilhado por uma comunidade linguística (Tuggy, 2005).

Vimos anteriormente as dificuldades ocasionadas nas abordagens gerativas pelo tratamento formal, que legitima apenas as palavras como objetos morfológicos, sendo os itens lexicais marginalizados como itens de um inventário de irregularidades. A marginalização do léxico sempre foi uma situação de fato no gerativismo; esta situação decorre da perspectiva teórica do gerativismo e sua concepção algorítmica da linguagem.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, ao contrário, o léxico pode ser abordado sem maior dificuldade, dado que a definição da gramática e das unidades simbólicas coincide com o entendimento que temos do léxico como um conjunto estruturado de unidades simbólicas de caráter convencional. Assim, a distinção entre construções lexicais possíveis e atestadas é menos relevante, na medida em que as unidades existentes são as unidades consagradas pelo uso, das quais se poderão depreender esquemas construcionais.

Do mesmo modo, deixam de existir problemas em relação à delimitação de unidades lexicais, dada a possibilidade de convencionalização de unidades formadas pela relação entre unidades, formando-se um contínuo de possibilidades entre formativos, palavras, expressões e assim por diante.

3.3 Categorias não discretas

A gramática clássica nos deixou como herança categorias rígidas e absolutas, que frequentemente criam situações problemáticas de análise, dado que a eficiência das línguas como sistemas de categorização e comunicação implica um certo grau de flexibilidade, sendo necessária a adaptação a diferentes necessidades de natureza semântica, construcional e pragmática. Motivações de diferentes tipos, desde o princípio geral de economia até as intenções retóricas são capazes de alterar as ditas propriedades centrais de unidades lexicais. Alterações de forma são tão comuns quanto extensões de sentido; o uso de palavras atribuídas a uma classe em ambientes característicos de outra classe é também um fato corriqueiro.

Assim, a rigidez no estabelecimento de dicotomias, a colocação de propriedades absolutas na definição de categorias e unidades linguísticas trazem muitos problemas para a descrição lexical. De particular interesse para a formação de palavras é o estabelecimento de categorias graduais, em vez de separações abruptas, entre gramática e léxico; regras e representações; bases e afixos; palavras derivadas e compostas; classes de palavras, etc..

As grandes controvérsias em modelos lexicalistas de representação do conhecimento lexical derivam em grande parte da questão de como lidar com os graus de regularidade morfológica das palavras num modelo que acolhe a oposição radical léxico/gramática, sendo o primeiro o espaço da idiosincrasia e do imprevisível, enquanto a regularidade caracteriza a gramática. Encontramos basicamente duas atitudes frente ao problema na literatura lexicalista: a. considerar o léxico como parte da língua e estabelecer mecanismos de descrição da (relativa) regularidade lexical (Jackendoff (1975), Corbin (1987)⁴; e b. estabelecer mecanismos formais de formação de palavras, que definem construções lexicais possíveis (Aronoff 1976), como inteiramente distintos do léxico, que é então considerado como uma lista de itens memorizados que não apresenta maior interesse para a gramática (Di Sciullo&Williams, 1987).

A dicotomia léxico-gramática impõe o problema, que a Linguística Cognitiva dispõe. Na perspectiva da

4. Meu trabalho sobre formação de palavras na Língua Portuguesa se enquadra neste grupo.

Gramática Cognitiva, tanto os itens lexicais quanto as construções sintáticas são estruturas simbólicas convencionais; as formas derivadas são unidades simbólicas complexas, assim como os compostos, as expressões, e assim por diante. Todas essas unidades podem ser analisadas em suas estruturas de formação. Segundo Langacker (2000), a gramática corresponde a padrões de composição, que tomam a forma de esquemas construcionais. Estes padrões, no conjunto, sancionam a acumulação progressiva de expressões de qualquer tamanho e grau de complexidade simbólica. Assim, deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada: em todos os casos, trata-se de unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como *[[Xizar]v-ção]n* até os mais abstratos como *[N-N]n*. A gramática consiste em padrões de composição, que tomam a forma de esquemas construcionais. O conhecimento do léxico é tradicionalmente entendido como o conhecimento das palavras existentes (=unidades simbólicas convencionais) e padrões de composição. Assim, não há problemas para tratar das unidades complexas lexicais dentro desta perspectiva.

A distinção entre regras e representações também é uma questão de grau na Linguística Cognitiva, ao contrário das abordagens gerativistas baseadas no modelo Elemento e Processo, em que o próprio modelo se baseia na distinção radical entre elementos e processos. Conforme enfatizado em Bybee (1988), mesmo regras gerais e produtivas, que parecem estar mais desligadas das representações, têm que emergir das representações no processo de aquisição. Adicionalmente, há evidência de que padrões fortemente baseados em representações, como a formação do passado de verbos em inglês dependendo de alternância de vogais nasalizadas, são produtivos (Pinker, 2000). Na verdade, há um número significativo de processos cuja descrição estrutural incorpora necessariamente representações, começando pelos próprios processos de afixação, que determinam a forma fonológica a ser afixada; a caracterização morfológica das bases a que regras derivacionais se aplicam; a especificação de alomorfias dependentes de bases, em condicionamentos de caráter fonológico ou morfológico; as formações analógicas; os cruzamentos vocabulares; e assim por diante.

Um outro aspecto em que é de especial relevância evitar-se a rigidez na categorização das construções lexicais é a própria identificação de uma construção como tal. De fato, o reconhecimento de esquemas é uma questão de grau, de sorte que a identificação do nível de complexidade de uma unidade simbólica não pode ser uma escolha binária, como nos mostram formações como *condizer*, *complicar*, *professor*, *manutenção*, *dissidente*, *supor*, e tantas outras.

Finalmente, na atribuição de palavras a classes gramaticais ou categorias lexicais, a dicotomização rígida dificulta a descrição dos processos morfológicos, que unificam nos padrões o que as categorias estabelecidas separam, ou que estabelecem como possibilidade o que contradiz uma nomenclatura tradicional, obrigando-nos a compor palavras e sintagmas terminológicos (participios, formas nominais de verbos, adjetivos substantivados, etc.) para lidar com os óbvios avanços de fronteiras que supostamente não deveriam existir. A flutuação entre adjetivos e substantivos em português é um dos casos em pauta.

Na categorização em termos de protótipos adotada pelos cognitivistas, por outro lado, o pertencimento a uma categoria é uma questão gradual, e não há um requisito de propriedades partilhadas por todos os membros da categoria; trata-se, antes, da percepção de pontos em comum ou similaridades em relação a exemplares típicos. Deste modo, os mecanismos de mudança de classe envolvendo conversão e extensão de funções denotativas ou extensão de uso, comuns às unidades simbólicas, podem ser descritos explicitamente.

Em suma, nos diferentes aspectos que abordamos, a noção de gradação que a Linguística Cognitiva defende é certamente a mais adequada para a descrição das construções lexicais.

4. EXEMPLOS CONCRETOS

Nesta parte do trabalho, faço uma breve apresentação de situações mais concretas na formação de palavras em Português, que ilustram as dificuldades apresentadas em abordagens gerativas, e mostro caminhos alternativos promissores apresentados por uma visão cognitiva da linguagem.

4.1 Regras minoritárias

Um dos problemas apresentados pelo modelo Elemento e Processo, adotado em abordagens lexicalistas, é a impossibilidade de se determinar até que ponto certas recorrências devem ser representadas numa regra. De fato, conforme observado por Bybee (1988:122), “In an IP model... a rule is structurally the same whether it applies to three forms, thirty, or three hundred.” Assim, entende-se a razão para a excessiva relevância atribuída à noção de bloqueio em descrições lexicais nestas abordagens.

Em termos mais concretos, a partir de um par de correspondências como em *rocha/rochedo* e *árvore/arvoredo*, devemos estabelecer uma regra de adição de *-edo* a substantivos? E o que dizer de *folgado* e *brinquedo*? Seriam produtos desta mesma regra?

Basilio (1997) observa que construções deste tipo podem ser descritas pelo mecanismo de analogia proporcional (Saussure, 1916). Por exemplo, pode-se formar o par *árvore/arvoredo* por analogia ao par *rocha/rochedo* (*rocha* está para *rochedo* assim como *árvore* está para *X=arvoredo*). Nesta perspectiva, formações ocasionais poderiam derivar de operações analógicas, não sendo consideradas, portanto, como produtos de regras de formação de palavras. Há ainda a possibilidade de se tratar de formações de empréstimo, mas, ainda assim, o conhecimento pleno de um par e de uma palavra base abriria a possibilidade de uma operação analógica.⁵ As operações analógicas, no entanto, uma vez usadas com alguma frequência, passariam a funcionar como modelos que aos poucos se iriam estabelecendo e, portanto, tendo uma força maior⁶.

Cito a seguir um exemplo para cada possibilidade. O caso da formação *enxadachim*, de Guimarães Rosa, ilustraria a formação ocasional de caráter analógico. O caso de uma formação tomada de empréstimo em vias de se esquematizar seria exemplificado pelo par *panela/panelaço*, que, por analogia, produziu *apitaço* e, mais recentemente, *businaço*; outros modelos em processo de esquematização seriam os de formato *X-ódromo* e, naturalmente, *X-burger*.⁷

As formações minoritárias que encontramos no português ilustram com clareza o problema trazido pelo modelo Elemento e Processo, sobretudo em sua versão mais ortodoxa, em que as regras são inteiramente distintas das representações. Tais formações, naturalmente, não constituem problema para uma abordagem cognitiva da formação de palavras, em que as estruturas se depreendem das formações existentes, e a frequência de uso determinará a força do processo de esquematização.

5. Apenas uma possibilidade. A existência de apenas um par é bastante próxima do nada. Assim, é mais provável que a concretização dessa possibilidade seja rara.

6. Para o conceito de força lexical, v. Bybee, 1985.

7. Para uma análise mais detalhada do mecanismo analógico e outros exemplos, v. Basilio 1997.

4.2 Regras e significados

Um dos maiores problemas na descrição de estruturas lexicais em abordagem gerativa é não adequação do tratamento do significado destas construções, dada a orientação sintática do modelo. Assim, muitas construções foram descritas de modo sumário do ponto de vista do significado, deixando-se de lado a relevância da função semântica nas regras de formação de palavras, o fato de que as palavras não são formadas aleatoriamente, e o fato de que, na formação concreta de palavras, a generalidade de propriedades definidas por um processo necessariamente se combina com a particularidade de uma situação que determina a necessidade de formação. Este ponto pode ser menos relevante em palavras formadas com motivação categorial – daí a não preocupação com fatores semânticos em análises gerativas – mas é de crucial importância no caso de formações de cunho denotativo.

Consideremos, por exemplo, o caso da formação de nomes de agente em *-dor* em Português. Em análises de cunho gerativo (v., por ex. Basilio 1980, Miranda 1980), há discussões detalhadas em relação à questão de se devemos postular um ou mais de um processo e em relação às limitações das propostas de Aronoff (1976) sobre a unicidade das bases e produtos do ponto de vista categorial. Entretanto, o tratamento do significado nestes estudos, embora represente um avanço sobre estudos tradicionais e estruturalistas, e também um avanço em relação a propostas gerativas que não levam em conta determinados aspectos deste fenômeno morfológico em português, ainda é precário, dadas as limitações do modelo. Por exemplo, em Basilio (1980), apesar da detalhada discussão sobre os problemas decorrentes das postulações de Aronoff e sua inadequação para os dados do português, as propostas de análise deixam a desejar, a partir dos próprios parâmetros do modelo utilizado, o que deriva, em parte, da rigidez das distinções categoriais no modelo gerativo, e, em parte, do fator teórico inibidor de uma visão mais acurada em relação ao aspecto semântico.

Nestes casos, podemos contrastar análises nas duas perspectivas, pois já encontramos propostas descritivas em abordagens cognitivas.

Basilio (2009), por exemplo, considera a formação de nomes de agente em *-dor* como um processo fundamentalmente de motivação semântica e acentua a relevância do conhecimento enciclopédico em dois aspectos das formações: a. o fato de que o processo de formação é acionado para formar palavras que evoquem conceitos previamente existentes, de modo que o conhecimento do mundo é fundamental na interpretação da formação, muito mais do que o aspecto mórfico, que apenas apresenta uma marca de cunho mais genérico. Assim, não devemos considerar *varredor* simplesmente como “aquele que varre”, como ocorre em abordagens gerativas, pois esta paráfrase não é suficiente para compreender a palavra enquanto caracterizadora de uma ocupação que tem um determinado lugar na sociedade, fator claramente mais relevante do que o ato de varrer, concretamente efetuado todos os dias por milhares de indivíduos que seriam evocados, no entanto, por construções como “faxineiro”, “dona de casa” e “empregada doméstica”, dentre outras; e b. o fato de que o mesmo aporte semântico do processo de construção morfológica pode evocar indivíduos de modo diferente, como no caso de *pintor*, que denota uma pessoa pela atividade de pintar, mas em dois modelos cognitivos distintos, o de construção ou reforma de casas e o da cena cultural e do mercado de arte. O trabalho acentua, ainda, o caráter metonímico do processo, motivado pela necessidade social de referência a indivíduos pela função que exercem, simbolizada, por sua vez, pela atividade evocada pela base verbal da construção morfológica.

Em detalhada análise dos nomes de agente em *-dor*, por outro lado, Oliveira (2008) sugere uma classificação de significados, e demonstra, a partir de uma análise de corpus, a produtividade das acepções agentivas, instrumentais e ad hoc, observando que seus resultados são replicados em trabalhos sobre o português europeu. Oliveira considera o Agente Profissional como o sentido prototípico da construção⁸, do qual derivariam três grupos, os agentes ad hoc, marcados pela habitualidade, os experienciadores e os instrumentos. Os diferentes grupos apresentam claras relações semânticas, embora os resultados numéricos deixem em aberto a questão de relação entre a força lexical representada pela frequência de uso e o aporte que as novas abordagens trariam para a noção de produtividade.

Fica claro, portanto, mesmo neste brevíssimo cotejo,⁹ que a abordagem cognitiva não apenas nos apresenta um modelo de análise capaz de abarcar de modo mais adequado a motivação semântica e enciclopédica na formação de palavras derivadas, mas também nos leva a novas questões e abre caminhos relevantes de investigação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, que inicia uma série de análises comparativas de abordagens lexicalistas e cognitivas da formação de palavras em Língua Portuguesa, analisamos alguns problemas inerentes à adoção do modelo Elemento e Processo na visão gerativa lexicalista e apresentamos algumas proposições centrais da Linguística Cognitiva que apresentam uma perspectiva promissora para uma maior reflexão sobre os fatores a serem levados em conta na descrição de construções lexicais complexas. Procuramos ilustrar a discussão conceitual com alguns exemplos mais concretos de problemas pontuais em descrições específicas.

Embora cientes do caráter preliminar e pouco abrangente de nossas observações, acreditamos ter mostrado a relevância de alguns conceitos centrais da Linguística Cognitiva para um tratamento mais revelador do que entendemos por construções lexicais.

8. Para uma análise dos nomes de agente em inglês, dentro da mesma perspectiva, v. Panther e Thornburg (2003).

9. Dadas as limitações de tempo/espço deste trabalho, não foi possível incluir na discussão a crescente produção atual sobre formação de palavras em abordagens cognitivistas ou mistas, em geral e sobre nomes de agente, o que será feito em etapas posteriores da investigação.

GENERATIVE AND COGNITIVE LINGUISTICS APPROACH TO WORD FORMATION: PRELIMINARY CONSIDERATIONS

ABSTRACT: This article makes an evaluation of Lexicalist and Cognitive proposals for word formation. Initially, a synthesis of the lexicalist approach to word-formation is presented, and its main problems are briefly discussed. Next, some fundamental proposals of Cognitive Linguistics are presented, which point to promising possibilities in accounting for lexical constructions. Then some concrete proposals for the analysis of Portuguese data in both approaches are briefly discussed.

KEYWORDS: morphology, lexicon, word-formation, lexicalist approach, Cognitive Linguistics

REFERÊNCIAS

- Anderson, S. (1992) *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Aronoff, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Basilio, M. (1980) *Estruturas Lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- Basilio, M. (1997) O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *VEREDAS*, v.1, n.1, 9-21
- Basilio, M. (1998) Observações sobre a conceituação de “formação”, “regra” e “palavra” na expressão “Regras de formação de Palavras”. In: A. Valente (org) *Língua, Linguística e Literatura*. Rio de Janeiro: ed. UERJ.
- Basilio, M. (2009) The role of metonymy in word formation: Brazilian Portuguese agent noun constructions. In: K.-U. Panther, L. Thornburg e A. Barcelona (eds) *Metonymy and Metaphor in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- Bybee, J. (1985) *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins.
- Bybee, J. (1988) *Morphology as Lexical Organization*. In: M. Hammond e M. Noonan (eds) *Theoretical Morphology*. New York: Academic Press.
- Chomsky, N. (1970) Remarks on Nominalization. In: R.A. Jacobs e P.S. Rosenbaum (eds) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn&Co.
- Corbin, D. (1990) Associativité et stratification dans la représentation des mots construits. In: W.U.
- Dressler et al (eds) *Contemporary Morphology*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Dirven, R. (2003) In search of conceptual structure: five milestones in the work of Gunter Radden. In: H. Cuyckens et al. (eds) *Motivation in Language*. Amsterdam: John Benjamins.
- Di Sciullo, A. e Williams, E. (1987) *On the Definition of Word*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Halle, M. (1973) Prolegomena to a Theory of Word formation. *Linguistic Inquiry*, v.4, n.1:3-16.
- Harley, H. e Noyer, R. (2000) Formal versus encyclopedic properties of vocabulary: Evidence from nominalisations. In: B. Peeters (ed) *The Lexicon-Encyclopedia Interface*. Amsterdam: Elsevier.
- Jackendoff, R. (1975) Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language* 51:639-671.
- Jackendoff, R. (1983) *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Katz, J. e J.Fodor (1963) The Structure of a Semantic Theory. *Language* 39:170-210.

- Lakoff, G. (1987) *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Langacker (1987) *Foundations of Cognitive Grammar, Volume I: Theoretical Pre-requisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker (2000) *Grammar and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Langacker (2002) *Concept, Image and Symbol*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Miranda, N.S. (1980) Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português. Tese de Mestrado inédita, UFRJ.
- Oliveira, N.F. (2008) Abordagem Cognitiva da construção deverbais X-dor: contribuições para o ensino do português. Tese de Doutorado inédita, UFRN.
- Panther, K.-U., Thornburg, L. (2003) The roles of metaphor and metonymy in English -er nominals. In: R. Dirven e R. Pörings (eds) *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Pinker (2000) *Words and Rules*. New York: Harper Collins Publishers (Perennial).
- Saussure, F. (1916) *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot.
- Tuggy, D. (2005) Cognitive Approach to Word-Formation. In: P. Stekauer e R. Lieber (eds) *Handbook of Word-Formation*. Dordrecht: Springer.